

DO INDIVIDUAL AO GLOBAL: A DICOTOMIA NIETZSCHIANA DO APOLÍNEO E DO DIONISIÁCO EM *UNA NOVELITA LUMPEN* (2002), DE ROBERTO BOLAÑO

RESUMO

Considerado pela crítica um dos maiores expoentes da literatura hispano-americana contemporânea, o escritor chileno Roberto Bolaño lançou, em 2002, *Una novelita lumpen*, ambientada na capital italiana, Roma. Essa narrativa, pouco estudada pela crítica, esconde por detrás de sua simplicidade interessantes e profícuos diálogos com a filosofia e com questões socioculturais. Nesse sentido, o presente artigo se propõe a apresentar esse enredo a partir da dicotomia nietzschiana do apolíneo e do dionisiáco, que perpassa não apenas a trajetória pessoal de sua protagonista, podendo também ser estendida para uma leitura do nosso deficiente processo de globalização que vitima as populações marginalizadas e esquecidas.

PALAVRAS-CHAVE: luz e sombra; individual; global.

FROM INDIVIDUAL TO GLOBAL: THE NIETZSCHEAN DICHOTOMY OF THE APOLLONIAN AND THE DIONYSIAN IN *UNA NOVELITA LUMPEN* (2002), BY ROBERTO BOLAÑO

ABSTRACT

Considered by critics as one of the greatest exponents of contemporary Spanish-American literature, the Chilean writer Roberto Bolaño launched, in 2002, *Una novelita lumpen*, set in the Italian capital, Rome. This narrative, little studied by critics, hides behind its simplicity interesting and fruitful dialogues with philosophy and sociocultural issues. In this sense, the present article proposes to present this plot from the Nietzschean dichotomy of the Apollonian and the Dionysian, which permeates not only the personal trajectory of its protagonist but can also be extended to a better understanding of our deficient process of globalization that victimizes marginalized and forgotten populations.

KEYWORDS: light and shadow; individual; global.

Eulálio Marques Borges¹

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Superficial e despreziosa podem ser dois adjetivos dados a *Una novelita lumpen* (2002), de Roberto Bolaño, quando o leitor que a tem em mãos faz dessa obra uma leitura menos atenta. Afinal, a trama que gira em torno de Bianca e seu irmão mais novo nos é apresentada em poucas páginas, com rapidez e sem preocupar-se pelo profundo

¹ Graduado em Letras – Português/Espanhol pela UFV, mestrando pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da UFMG e bolsista FAPEMIG. E-mail: eulaliomarques@hotmail.com.

desenvolvimento das identidades de seus personagens. Tais características acarretaram no pouco interesse dos críticos especializados pelo livro, muitas vezes desconsiderado ou até mesmo esquecido quando se trata de estudar a produção literária de Bolaño, um dos escritores mais interessantes da contemporaneidade.

Com um enredo ambientado em Roma e narrado em primeira pessoa a partir de uma voz feminina que se encontra em um futuro próximo, o argumento de *Una novelita lumpen* gira ao redor da vida de dois irmãos que ficaram órfãos após a morte dos pais em um acidente de carro e, ao verem-se sozinhos na capital italiana, sem amparo governamental ou familiar, terminam por envolver-se com dois homens desconhecidos e por participar de um plano obscuro que consiste em roubar um idoso rico, cego e solitário. Assim, a protagonista Bianca acaba por transformar-se em uma espécie de isca do esquema arquitetado por seus novos amigos, passando a frequentar a casa do velho Maciste, a vítima, e mantendo relações sexuais com ele na tentativa de encontrar sua fortuna.

Essa trama, que poderia desenvolver-se de maneira a encontrar um fim trágico e impactante, acaba gerando, no entanto, pouca emoção tanto em seu desenrolar quanto em seu final. Ao constatar que não há nenhum cofre na mansão de Maciste, Bianca, cansada da situação em que se encontra, expulsa de seu apartamento os dois rapazes que a convenceram de participar de tal projeto e volta a viver somente com o seu irmão. É o que podemos chamar de “tormenta sin ruido” (ESPINOSA, 2004), uma tragédia que se manifesta a todo momento, como vemos a própria narrativa anunciar, mas que nunca chega realmente a acontecer: “Cuando desperté mi hermano dormía en su sillón y en la pantalla sólo se veía un mar gris, rayas grises y negras, como si una tormenta se acercara a Roma y sólo yo fuera capaz de verla.” (BOLAÑO, 2009, p. 25).

A expressão de Espinosa (2004), porém, ao contrário do que possa parecer, não desqualifica a obra, mas sim nos permite deslocar nossa leitura. Assim, ao invés de buscar um enredo repleto de reviravoltas e acontecimentos inesperados, é interessante focar justamente na superficialidade identitária de seus personagens principais, considerando-a, então, característica fundamental para uma melhor compreensão de *Una novelita lumpen*. Partindo, portanto, dessa perspectiva, proponho uma leitura que nos possibilita discutir, por meio de uma obra aparentemente simples, ideias pertencentes ao campo filosófico, como a dicotomia do apolíneo e do dionisíaco (NIETZSCHE, 1999), e questões ligadas aos estudos culturais, como a globalização, seus consumidores imaginários (SARLO, 2006) e as identidades fragmentadas na pós-modernidade (HALL, 2000).

A RAZÃO CEGA E A NECESSIDADE DA DESORDEM

Começo minha análise a partir de um trecho de *Una novelita lumpen*. Após enterrarem seus pais, Bianca e seu irmão passam a morar sozinhos no apartamento que antes era dividido por toda a família. E a primeira mudança percebida pelos dois jovens nessa nova fase de suas vidas, logo da conclusão de que estavam desamparados, é referente à intensa luz que passou a invadir os seus dias, como podemos observar no fragmento abaixo:

A partir de ese momento los días cambiaron. Quiero decir, el transcurso de los días. Quiero decir, aquello que une y que al mismo tiempo marca la frontera entre un día y otro. De pronto la noche dejó de existir y todo fue un continuo de sol y luz. Al principio pensé que era debido al cansancio, al shock producido por la repentina desaparición de nuestros padres, pero cuando se lo comenté a mi hermano me dijo que a él le pasaba lo mismo. Sol y luz y explosión de ventanas. (BOLAÑO, 2009, p. 14-15)

Essa explosão de luminosidade nos leva diretamente ao conceito do apolíneo e do dionisíaco, trabalhado por Friedrich Nietzsche (1999), quem afirma que, enquanto o primeiro termo, referente ao deus Apolo, se associa à razão, à serenidade e à luz, o segundo, ligado a Dionísio, se vincula ao devaneio, ao caos e à escuridão. E se inicialmente é possível, a partir de tais ideias, desenvolver o pensamento maniqueísta entre o bem e o mal, ao aprofundar-nos nossa leitura acerca do tema compreenderemos que há, no discurso nietzschiano, uma crítica à sociedade que, a partir de Sócrates, passou a se desenhar buscando como principais bases a racionalidade e o equilíbrio emocional. Essa maior valorização das características apolíneas acarretou, conseqüentemente, na desvalorização dos aspectos dionisíacos, como a desordem e as emoções causadas pelos signos artísticos e pelas celebrações festivas. Para o filósofo, porém, ambos devem coexistir em prol do equilíbrio, assim como coexistem, por exemplo, para o surgimento da arte.

A partir dessa ideia, podemos estender o conceito de luz e sombra como forças coabitantes que emanam da natureza também para a evolução pessoal, como acontece com Bianca em *Una novelita lumpen*. A perda dos pais, que acarreta no contínuo luminoso visto por ela e seu irmão faz com que, inicialmente, ambos tomem a atitude mais racional que poderiam ter naquele momento: a de buscar um emprego. E ao conseguirem, ela a função de lavar os cabelos das clientes de um salão de beleza, ele a de faxineiro de uma academia, entram em suas vidas dois jovens, o líbio e o bolonhês, que trazidos pelo irmão de Bianca, passam a dividir o apartamento com eles, ocupando o quarto de seus falecidos progenitores. Em um primeiro momento, a presença desses dois personagens, ainda que estranha, se mostra

surpreendentemente agradável. Organizados e educados, ambos passam a ajudar na limpeza doméstica:

Apenas pude pegar ojo. Cuando me levanté, a las seis de la mañana, encontré la cocina limpia. Los hombres habían fregado las ollas, los platos y los cubiertos, y los habían puesto en el escurridero. Los ceniceros estaban vacíos y limpios. Creo que hasta barrieron antes de irse a dormir. Desayuné pensando en eso y luego me fui a trabajar, aunque era muy temprano y pasé unas dos horas dando vueltas por el barrio. Cuando volví ellos aún estaban allí. Habían hecho puré con espinacas y una salsa de tomate picante. La mesa estaba puesta. (BOLAÑO, 2009, p. 32)

Porém, toda essa organização inicial, juntamente com a convivência tranquila mantida ao princípio, começa a desmanchar-se pouco a pouco. O primeiro indício da chegada do caos são as relações sexuais que Bianca passa a manter frequentemente com suas duas visitas, sem saber com exatidão com quem transa a cada vez. Posteriormente, quando o líbio e o bolonhês lhe propõem que passe a ter sexo com Maciste a fim de roubar-lhe a fortuna que, supostamente, ele esconde em sua casa, a ordem até então estabelecida se quebra totalmente. Tentada a melhorar de vida e deixar o emprego, sem questionar-se ou sequer questionar aos que lhe fizeram tal proposta, a jovem passa a frequentar a mansão do ex-ator, agora cego² e solitário.

É esse um ponto em que a ideia nietzschiana de que o apolíneo e o dionisíaco coexistem se faz mais perceptível na obra de Bolaño. Para Nietzsche (1999), toda luz esconde uma sombra, toda calma da ordem oculta a potência de uma desordem, e o problema da sociedade moderna é buscar a racionalidade a ponto de ignorar o que há por detrás dela, em uma ilusão de ver e viver apenas as imagens de expressão onírica. O choque da morte dos pais e o desamparo fizeram com que Bianca não enxergasse de imediato o lado obscuro das presenças do líbio e do bolonhês e tampouco da proposta feita por eles. Assim, a jovem incursiona pela mansão de Maciste, que se encontra praticamente abandonada em sua imensidão, sendo habitada unicamente por seu dono e caracterizando-se, principalmente, por sua escuridão. Porém, em um movimento paradoxal, é nesse novo ambiente sombrio e quase vazio que a personagem se sente mais tranquila:

² A cegueira do personagem Maciste não é gratuita, podendo ser considerado um ponto a mais que reforça o jogo do apolíneo e do dionisíaco elaborado por Bolaño. O personagem, mesmo sem o sentido da visão e morando em um local escuro, parece muitas vezes ser o que melhor enxerga entre todos os outros, caminhando pela mansão com absoluta facilidade. Fica, assim, a ideia de que a escuridão muitas vezes nos permite ver e evoluir de uma maneira que a serenidade da luz pode não ser capaz.

La voz de Maciste me condujo hasta una habitación en el primer piso, iluminada por una débil bombilla semioculta en una esquina. Sé que subí unos escalones, pero también sé que bajé unos escalones. La voz de Maciste iba siempre por delante de mí, indicándome escuetamente el camino. No sentí miedo. Atravesé una galería oscura, con un largo ventanal de una punta a la otra y desde el que se podía apreciar una parte del jardín trasero y los altos muros cubiertos de hiedra que separaban a la casa del edificio vecino. Me sentía tranquila. (BOLAÑO, 2009, p. 88)

É também a partir desse momento que Bianca começa a repensar suas atitudes. Ao dar-se conta que mesmo escura e desordenada, a mansão de Maciste parece ter mais vida que seu apartamento limpo e claro, e ao conhecer melhor o homem que seria sua vítima, encantar-se por ele e convencer-se de que não escondia nenhum cofre, a jovem desiste do plano de roubá-lo. Olhar para o dionisíaco e vivenciar a desordem, a escuridão, mas também a força e o vigor que traz consigo a fazem dar um novo rumo a sua vida. A jovem termina, ao final, por desistir do assalto e expulsa o líbio e o bolonhês de sua casa, voltando a viver apenas com seu irmão, igualmente afetado pela ilusória ordem instaurada. O que acontece após esse rompimento, então, é o retorno do equilíbrio entre o apolíneo e o dionisíaco, entre o claro e o escuro, o qual Nietzsche (1999) acredita ser necessário para a evolução da vida humana. A luz que invadia a casa de Bianca e seu irmão, a razão cega, por fim termina, e pela primeira vez em tanto tempo, a noite volta a aparecer, escura, frágil e cheia de medos.

A força dionisíaca, desse modo, é capaz de restabelecer o laço entre as pessoas e reconciliar o ser humano com a natureza. Percebe-se que a crítica nietzschiana ao excesso de racionalidade buscado pela contemporaneidade pode ser trabalhado em *Una novelita lumpen*. A luz incessante, bem como a ordem estabelecida com a chegada do líbio e do bolonhês e a proposta tentadora tida como a melhor alternativa para a resolução de um momento de crise, escondem uma desordem obscura que a protagonista da narrativa parece não querer ver. Contraditoriamente, é a potência desse caos estabelecido e escondido em uma falsa luz de razão, ao ser vista e vivida, a única capaz de fazer surgir um equilíbrio na vida de Bianca e seu irmão. Assim, é notável a necessidade do dionisíaco para a reparação da harmonia, pois toda luz esconde uma escuridão que não queremos, mas devemos enxergar. E não apenas a nível pessoal, mas também a nível coletivo, como veremos abaixo.

A GLOBALIZAÇÃO DEFICIENTE E A OBSCURA MARGINALIDADE JUVENIL

Beatriz Sarlo (2006) define a Argentina da virada do século XX para o XXI como uma nação ocidental de luz e sombra, marginalizada, fraturada, empobrecida e indiferente ao Estado. Entre os argumentos que a autora desenvolve para embasar a sua perspectiva teórica

estão a proliferação de shoppings centers pelas principais cidades do país, que autorizam a circulação de pessoas de diferentes extratos sociais, mas permitem que somente aquelas de maior poder aquisitivo comprem os melhores produtos disponibilizados nas vitrines. As outras, as menos pobres, até conseguem consumir uma mercadoria ou outra, mas permanecem à margem, vendo expostos objetos que não foram feitos necessariamente para elas, enquanto os realmente carentes apenas observam.

Essa é a ideia de consumidores imaginários desenvolvida pela escritora e perceptível em *Una novelita lumpen*. Ainda que ambientada na Itália³, nação europeia vista como pertencente ao primeiro mundo, a trama de Roberto Bolaño nos possibilita pensar em uma sociedade estratificada, na qual os aparelhos e produtos pertencentes à globalização, como a televisão, os filmes e as revistas, podem chegar às mãos de comunidades mais carentes, mas não dialogam com a realidade vivida por essas pessoas. Bianca, por exemplo, ao fazer o teste de uma revista destinada ao público feminino, responde às suas perguntas da seguinte maneira:

— ¿Qué actriz de cine te gustaría que fuera tu mejor amiga? Maria Grazia Cucinotta (Es extraña esta respuesta, pues Maria Grazia Cucinotta siempre me ha parecido una mujer superficial y egoísta, preocupada únicamente de sí misma) — ¿Qué actriz de cine te gustaría ser? María Grazia Cucinotta. — Conoces a alguien capaz de arriesgar su vida por ti? No. No conozco a nadie. Además, si lo conociera, haría todo lo posible para disuadirlo. Le diría que no vale la pena poner en peligro su vida por mí. Me mostraría tal cual soy y entonces él ya no querría ni verme. — Si fueras un pájaro ¿qué clase de pájaro serías? Un búho. — Si fueras un mamífero ¿qué clase de mamífero serías? Un topo. Una rata. La verdad es que ya estoy viviendo como rata. — Si fueras un pez, ¿qué clase de pez serías? Uno de esos que utilizan como cebo”. (BOLAÑO, 2009, p. 62-63)

As respostas dadas pela protagonista de Bolaño não são, necessariamente, as que tais revistas esperam que suas consumidoras deem. Entretanto, devido à sua situação de orfandade, de abandono e de marginalidade, a jovem deseja ser como a atriz que ela considera egoísta para sobreviver à realidade na qual se encontra, mas se vê como uma coruja, pássaro noturno solitário, como um rato, ou até mesmo como uma simples isca. Assim, a revista, produto globalizado, chega às mãos de Bianca, mas não dialoga com sua vida, mostrando-se

³ É interessante, nesse ponto, reforçar não só a já conhecida ideia de que a globalização acontece de forma desigual não apenas na América Latina, mas considerar que Roberto Bolaño foi um escritor chileno que deixou a sua produção literária marcada por traços de sua vivência errante e, muitas vezes marginal. Daí a possibilidade de se considerar a argentina Beatriz Sarlo como referencial teórico para este trabalho.

falsamente destinada a todos os públicos. A luz da globalização contém, por trás de si mesma, o obscurantismo da marginalidade.

O fenômeno da ilusória homogeneização global é também possível de ser vislumbrado a partir da presença do televisor dentro da realidade dos personagens de *Una novelita lumpen*. Um dos hábitos desenvolvidos pelos jovens da trama é o de se sentarem em frente à TV e acompanharem programas de auditório que convidam o público a participar de seus quadros de perguntas e respostas em troca de dinheiro, gerando em Bianca, em seu irmão, no líbio e no bolonhês a ideia de que eles podem conseguir melhorar de vida dessa maneira. Para Beatriz Sarlo (2006), a televisão se tornou, na contemporaneidade, mais próxima da população que as instituições governamentais ou os serviços públicos. Ainda de acordo com a autora:

A televisão apresenta as estrelas e o seu público navegando no mesmo fluxo cultural. Essa comunidade de sentidos reforça um imaginário igualitarista e, ao mesmo tempo, paternalista. O público recorre à televisão para alcançar aquelas coisas que as instituições não garantem: justiça, indenizações, atenção. (SARLO, 2006, p. 77)

Porém, o paternalismo televisivo, ainda que se apresente maior que o político, é também pouco eficiente e até mesmo ilusório, pois ficcionaliza a todos, estrelas e público, como iguais a partir de um imaginário fortemente nivelador e igualitarista. Dessa forma, a oportunidade de ir até um programa de auditório e mudar de vida continua distante das possibilidades reais de um público marginalizado como os personagens jovens criados por Roberto Bolaño, que mais uma vez se encaixam no conceito de consumidores imaginários por terem acesso a um produto ou serviço do qual não podem usufruir. Como afirma Antonio Herrera: “El problema de los delincuentes no radica en encontrarse desconectados de la aldea global, sino - y muy por el contrario - en verse indisolublemente ligados a ella sin encontrar representación.” (HERRERA, 2004, s/p).

A globalização, com sua luz emanada de construções como os shoppings centers, ou refletida por meio de produtos como as revistas e a televisão, pode ser relacionada aqui com o conceito nietzschiano do apolíneo que possui um lado obscuro e caótico por detrás de si mesmo. A face dionisíaca, nesse caso, é a marginalização da classe pobre, dos jovens consumidores imaginários, sem representatividade midiática e desamparada pelo Estado, como vemos no fragmento seguinte:

La pensión de nuestro padre, tras unos trámites no demasiado complicados, pasó a nuestras manos. Pensamos que nos iba a tocar más y protestamos. Una mañana, delante de un burócrata que trató de explicarnos por qué razón mi padre en vida cobraba equis dinero y tras su muerte a nosotros nos tocaba menos de la mitad, mi hermano de improviso se puso a llorar. Insultó al funcionario y lo tuve que sacar a rastras de la oficina. No es justo, gritaba. Así es la ley, oí que decía el compungido funcionario a mis espaldas. (BOLAÑO, 2009, p. 15)

Bianca e seu irmão, sem uma assistência social efetiva, terminam por abandonar os estudos e entrar na marginalidade, assim como muitos jovens da metrópole que “[...] se dedicaban o a robar o a drogarse o a prostituirse [...]” (BOLAÑO, 2009, p. 25) em uma Roma não similar à sua imagem icônica do passado. A cidade que nos é apresentada está em crise, e nela garotos gritam fascismo ou barbárie pelas ruas de um país onde a situação econômica geral piorou. E os indivíduos que habitam esse lado obscuro e ignorado por detrás da luz da suposta globalização homogênea possuem suas identidades apagadas.

O LUMPENPROLETARIADO: UMA CLASSE SEM IDENTIDADE

De acordo com Stuart Hall (2000), as identidades culturais nacionais estão sendo afetadas ou deslocadas pelo processo de globalização, indo ao encontro da ideia de que não fazem parte do nosso gene, sendo formadas e transformadas ao longo de nossas vidas. Nesse sentido, o conceito do sujeito cartesiano, racional, consciente e situado no centro do conhecimento, bem como o de sujeito social, localizado e definido dentro das grandes estruturas modernas, já não são mais válidos ao momento de pensar a questão identitária na contemporaneidade. Com as mudanças constantes pelas quais passa o mundo contemporâneo, de práticas sociais que podem ser frequentemente examinadas e revisitadas, nada mais coerente que pensar no sujeito pós-moderno como alguém sem identidade fixa, essencial ou permanente. Assim:

O sujeito, previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável, está se tornando fragmentado; composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não resolvidas. Correspondentemente, as identidades, que compunham as paisagens sociais “lá fora” e que asseguravam nossa conformidade subjetiva com as “necessidades” objetivas da cultura, estão entrando em colapso, como resultado de mudanças estruturais e institucionais. O próprio processo de identificação, através do qual nos projetamos em nossas identidades culturais, tornou-se mais provisório, variável e problemático. (HALL, 2000, p. 12)

Se pensamos, pois, que as identidades nacionais contemporâneas, fortemente influenciadas pelos processos globais, se caracterizam já não por sua unidade, mas sim por

suas variedades, é correto encará-las como o rompimento do total, como a descentralização do que anteriormente era uno e hoje se compõe pela pluralidade de núcleos. A identidade nacional deve ser vista, então, através de suas diferenças, como é o caso da Itália, país onde se desenvolve a trama de *Una novelita lumpen* e que “[...] é o país onde...gauleses, etruscos, pelagianos e gregos, para não mencionar outros, se intersectam em uma mistura indecifrável” (HALL, 2000, p. 64).

Interessa, entretanto, a partir de tais conceitos, refletir não necessariamente sobre as atuais identidades nacionais, fragmentadas devido ao mais contínuo e intenso fluxo internacional de imagens, produtos e pessoas. É pertinente pensar, agora, em como se dão as identidades individuais dos personagens jovens e marginalizados da história de Roberto Bolaño: Bianca, seu irmão, o líbio e o bolonhês, uma vez que a globalização que contesta e desloca a ideia identitária fechada é a mesma que não produz o triunfo do global, excluindo parte de nossa sociedade, como vimos acima.

Entre os quatro personagens, a única que possui um nome é a narradora Bianca, ao redor de quem giram todos os outros tipos. Ainda assim, a protagonista da trama não possui uma descrição física, psicológica ou comportamental, muito menos um passado que nos permita conhecer sua vida antes da morte de seus pais. Seu irmão, em contrapartida, carece não apenas de caracterização e história, como também de um designativo, bem como o líbio e o bolonhês. Os dois últimos, inclusive, por mais que possuam cada um sua respectiva origem, essas se apresentam confusas, acontecendo o mesmo com seus traços físicos:

No eran sus amigos, aunque mi hermano así quería creerlo. Uno de ellos era boloñés, el otro era libio o marroquí. Sin embargo, parecían hermanos gemelos. La misma cabeza, la misma nariz, los mismos ojos. [...] Esa noche me di cuenta de lo enormemente parecidos que eran, y esa noche, también, me dijeron que no eran hermanos aunque mucha gente así lo pensaba. El libio pronunció una frase que entonces me pareció misteriosa. Dijo que en cierta forma la gente no se equivocaba. Aunque nos parezca tonta, la gente nunca se equivoca. Aunque la despreciemos, y en ocasiones con razón, la gente *nunca* se equivoca. Ésa es nuestra condena, dijo. (BOLAÑO, 2009, p. 31-32)

Uma possível resposta para o questionamento que gira em torno desse apagamento identitário pode ser encontrada ainda em Stuart Hall (2000), quando o autor trabalha com o conceito de “homogeneização cultural” e a ideia de que, a partir do discurso do consumismo global, as diferenças que antes definiam nossas identidades nacionais foram reduzidas à língua franca e ao uso de uma moeda. A partir dessa perspectiva, não seria necessário descrever física, psicológica ou comportamentalmente nenhum desses

personagens, uma vez que eles seriam considerados iguais a quaisquer outros, de quaisquer países. Porém, essa afirmação se faz redutiva se pensamos que a globalização, além de caracterizar-se como um movimento muito mais ocidental que mundial, tampouco consegue uma homogeneização cultural que solape por completo as identidades nacionais ou individuais.

Dessa maneira, acredito que a não descrição dos personagens jovens de *Una novelita lumpen* ocorre não devido à fragmentação identitária e à “homogeneização” características dos processos globais, mas sim por causa da condição marginal na qual eles se encontram. Desamparados pelos familiares após a perda dos pais, Bianca e seu irmão acabam por sentir-se estrangeiros em seu próprio lugar de origem, reforçando, assim, um sentimento de orfandade e de abandono já existentes. Para além do fator pessoal, o desamparo do Estado e a vivência em uma sociedade que conecta tais jovens aos produtos e serviços globais, ao mesmo tempo em que não dialoga com a realidade por eles vivida, são fatores que contribuem justamente para manter tais pessoas à sombra da metrópole precariamente desenvolvida. Nesse caso, me parece pertinente pensar em identidades borradas, turvas, até mesmo apagadas, a partir do momento em que a vida de Bianca, seu irmão, o líbio e o bolonhês parecem não contar, sendo ignoradas pelos demais. Afinal, todos eles fazem parte do *lumpenproletariado*, nome dado a um setor social mais baixo da classe proletária, explorada, desprovida de consciência comunitária e que originou o título do livro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É possível, a partir de agora, retomar a sentença que abre o presente trabalho e comenta sobre uma suposta despreensão e superficialidade de *Una novelita lumpen*, características não aplicáveis à obra de Roberto Bolaño a partir da leitura aqui proposta. Os conceitos filosóficos de Nietzsche (1999) sobre o apolíneo e o dionisíaco foram pensados através da trajetória pessoal da personagem Bianca, da chegada do líbio e do bolonhês em sua casa e do seu envolvimento com Maciste. O jogo de luz e sombra, da razão capaz de nos cegar, da escuridão necessária para enxergar e do equilíbrio possível de encontrar a partir da coexistência dessas duas forças naturais pôde, porém, ser estendido ao campo dos estudos sociológicos, mais precisamente ao tema da globalização parcial e deficiente que encontramos na contemporaneidade.

Desse modo, as ideias de Beatriz Sarlo (2006) sobre o que a autora chama de consumidores imaginários e acerca do papel da televisão nas sociedades pós-modernas,

trabalhadas a partir da realidade argentina da virada do século XIX para o XX, dialogam com as vidas marginais dos jovens personagens de Bolaño. Os produtos globalizados aos quais eles têm acesso não conversam com o cotidiano no qual estão inseridos, e o paternalismo televisivo termina por apresentar-se tão falso e ineficiente quanto o político. Segregados, eles vivem, na verdade, sob a esfera caótica de uma globalização deficiente, que a partir da luminosidade falsa de suas mercadorias e tecnologias, esconde e evita olhar para uma desordem econômico-social que se instaura do outro lado. Uma vez mais nos deparamos, então, com a coexistência do apolíneo e do dionisíaco.

Esses seres marginalizados, ao se encontrarem nessa situação de exclusão, abandonados pelos familiares e ignorados pelo Estado, perdem suas características identitárias que lhes atribuíam certa individualidade. A não descrição física, psicológica e comportamental dos personagens jovens da obra, bem como a inexistência de nomes para muitos deles, me parece ser uma maneira de mostrar essas identidades esquecidas e apagadas da população periférica. Entretanto, há de se tomar o cuidado para não pensar, a partir de tais ideias, em uma intenção moralizante de Roberto Bolaño ao escrever *Una novelita lumpen*, uma vez que todos os conceitos e temas apontados aqui aparecem de maneira sutil em uma trama elaborada a partir de uma narrativa e de diálogos sem pretensão ideológica.

A coexistência das forças apolíneas e dionisíacas, portanto, perpassa toda a obra, porém de uma maneira sutil. São os detalhes dos ambientes e das ações dos personagens da narrativa que nos permitem realizar uma leitura de cunho filosófico e, também, sociocultural, problematizando principalmente a existência de uma globalização não homogênea. A narrativa criada por Bolaño, então, se mostra inteligente em seus pormenores, interessante e merecedora de outras e variadas análises. Talvez seja possível pensar, desse modo, na ideia *derridiana* da desconstrução, porém às avessas, uma vez que, a partir de uma leitura atenta, podemos não só reelaborar e propor novas interpretações de clássicos, como também sugerir discussões interessantes em livros considerados menores, ingênuos e esquecidos do grande público.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOLAÑO, Roberto. *Una novelita lumpen*. Barcelona: Editorial Anagrama, 2009.

DERRIDA, Jacques. *Essa estranha instituição chamada literatura* – Uma entrevista com Jacques Derrida. Trad. Marileide Dias Esqueda. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

ESPINOSA, Patricia. Tormenta sin ruido. *Revista Rocinante*, Santiago do Chile, s/v, n.64, fevereiro 2004. Disponível em: <http://www.enriquevilamatas.com/escritores/escrespinosap1.html>. Acesso: 18 nov. 2017.

NIETZSCHE, Friedrich. *O nascimento da tragédia ou helenismo e pessimismo*. Trad.: J. Guinsburg. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad.: Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A editora, 2000.

HERRERA, Antonio Sandoval. Una novelita lumpen o el televisor antisocial. *Critica.cl*, Santiago do Chile, s/v, s/n, março 2004. Disponível em: <http://critica.cl/literatura-chilena/una-novelita-lumpen-o-el-televisor-antisocial>. Acesso: 18 nov. 2017

SARLO, Beatriz. *Cenas da vida pós-moderna: intelectuais, arte e videocultura na Argentina*. Trad.: Sérgio Alcides. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2006.